

O jornal de maior circulação em Portugal

O SÉCULO

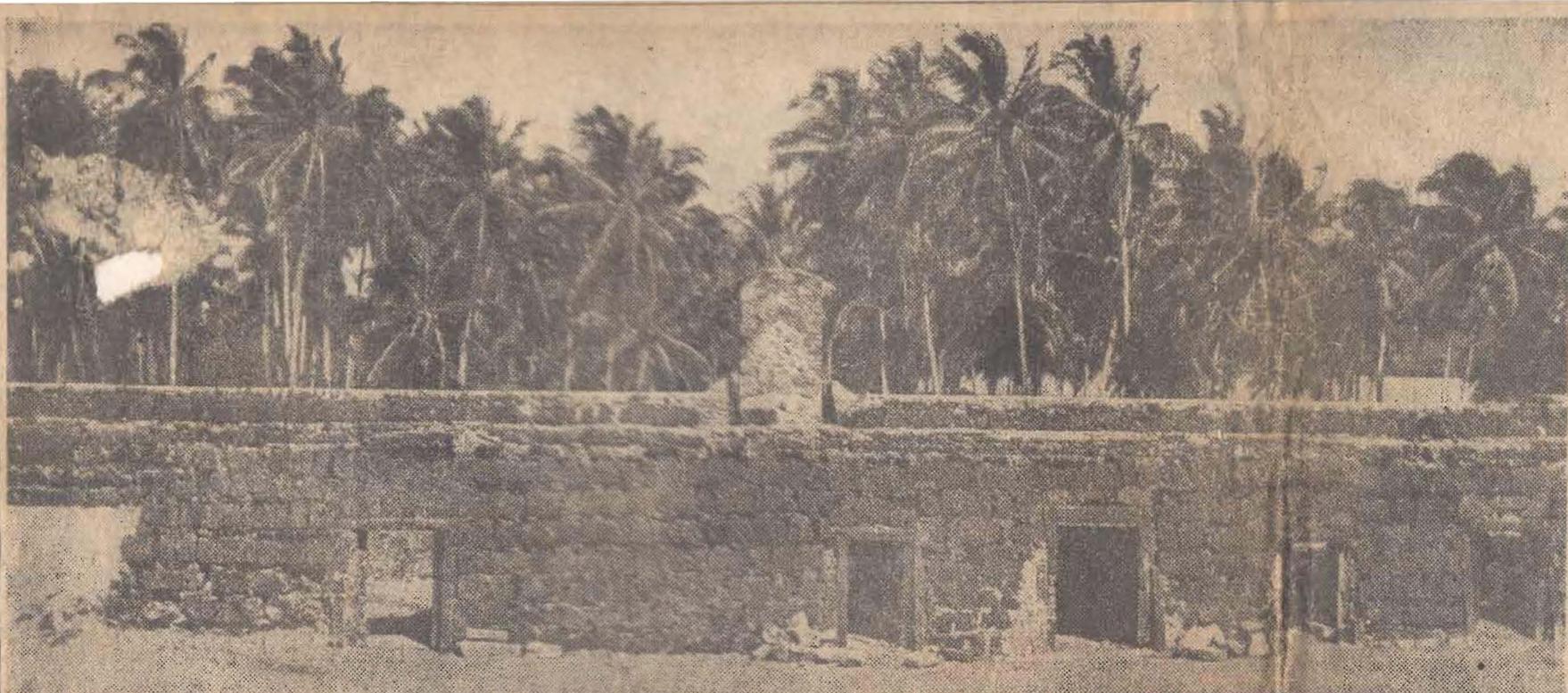
Director — Guilherme Pereira da Rosa

RUA DO SÉCULO, 41 e 43 — LISBOA - 2

EDITORES: JOSÉ B. RABELO JUNIOR

Terça-feira, 14 de Abril de 1970

EM 8 DIAS
14.840 CONTOS
 FORAM DISTRIBUÍDOS AOS BALCÕES DA
CASA DA SORTE
 A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS



UM ASPECTO DO FORTE DE ORANGE, EM PERNAMBUCO, REDUTO DA RESISTÊNCIA DE MATIAS DE ALBUQUERQUE, CONTRA OS HOLANDESES, MAIS TARDE EXPULSOS PELO HEROÍSMO DE LUSO-BRASILEIROS, DURANTE A EPOPEIA DE GUARARAPES

ARQUEOLOGIA (1)

História portuguesa no Brasil

Jovem pesquisador do Recife que encontrou o esqueleto de oficial português do séc. XVII revela-nos o significado do achado

RELAÇÃO DO ESPÓLIO

«Sim, o material arqueológico colectado nessas escavações está lá a ser estudado no laboratório do Instituto» — responde-nos o dr. Marcos de Albuquerque, ao procurarmos saber se os objectos recolhidos das sepulturas são alvo de estudos, para divulgação de conclusões históricas. O jo-

vem professor universitário acrescentou, mais adiante:

O espólio é dividido fundamentalmente em material bélico, cerâmico e material ósseo. O primeiro identificou certas dependências, tais como o corpo da guarda e o depósito de munições. O espólio compõe-se por balas de canhão de vários calibres, balas de mosquete, pedaços de baionetas, cabos de espadas, etc. O material de cerâmica é constituído por tijelas, pratos, terrinas e outros objectos utilizados durante a campanha. Por fim, o material ósseo, precisamente os esqueletos, que nos servem para o estudo de questões de antropologia física ou estudos relacionados com a época histórica vivida no local, de famílias, patentes ou unidades que ali se aquartelaram.

Contrário a toda a especulação sobre a sua actividade arqueológica, o dr. Marcos de Albuquerque não nos escondeu as reservas que formulara, ainda no Recife, ao pedido de nos conceder esta entrevista. Com efeito, baseados nas primeiras notícias que nos chegaram, procuramos obter informações heráldicas de um anel de brasão que — acrescentavam as notícias — teria sido encontrado junto de um dos esqueletos.

Já em Lisboa, o sr. dr. Marcos de Albuquerque teve oportunidade de dissipar dúvidas quanto à ausência de especulação no nosso Jornalismo, ao mesmo tempo que viria a informar-nos exactamente do material achado nos sepultamentos. Afirmou-nos:

— Num dos esqueletos, além dos botões da farda, apareceram três fileiras de botões na região do tórax e uma fileira de três botões em cada lado do braço, na região dos punhos. Por altura do peito, via-se uma cruz de Malta que tudo indica ter pertencido a uma condecoração, a tal cruz católica feita de «quinga» de coco. Na falange de um dos dedos da mão apareceram sinais da utilização de anéis. Em verdade, esses anéis não foram descobertos, mas apenas se verificou a marca do cobre na fa-

lange, que se apresentava verde. O mesmo sucedeu na cabeça do unhero, que igualmente se apresentava verde, devido à oxidação do cobre, provavelmente da cota de malha ou das dragonas. Nota-se assim, em algumas regiões do esqueleto, manchas verdes resultantes da absorção do óxido de cobre, provenientes de objectos porventura enterrados na época, mas que se destruíram com a acção do tempo. Como disse, não achámos o anel de brasão. Mas conjuntamente com os botões encontramos uma espécie de medalhão — que não estaria dependurado ao pescoço que representa a esfinge de um leão — e restos de tecidos verdes e vermelhos.

Os pesquisadores do Recife, designadamente o dr. Marcos de Albuquerque, principal responsável sobre os trabalhos de arqueologia que se desenvolvem, hoje, em Pernambuco, parece não terem dúvidas quanto à origem portuguesa do material encontrado até agora. Quisemos, todavia, ouvir os argumentos que justificam a tese do jovem arqueólogo brasileiro. Disse-nos:

— Inicialmente, a construção onde encontramos os sepultamentos foi uma capela católica. Portanto, automaticamente portuguesa e não holandesa, dado que os holandeses eram protestantes. Em segundo lugar, a construção holandesa era de taipa. Esta capela, porém, é construída de pedra, embora no mesmo local. No entanto, poder-se-ia dar o caso de ter existido, por exemplo, um cemitério anterior à construção portuguesa, no mesmo sítio. Mas acontece, todavia, que alguns dos sepultamentos apresentam materiais de origem portuguesa: é o caso dos botões com a coroa de Portugal e da cruz católica confeccionada de casca de coco. Noutros sepultamentos, surgiram-nos

restos dos «quépis» utilizados pelos portugueses e onde ainda apareceu uma coroa portuguesa feita de ilha. Ora, portanto,

que todos estes elementos são suficientemente fortes para pensarmos que se trate, efectivamente, de portugueses. Provavelmente, não são portugueses. Talvez seja melhor dizermos *luso-brasileiros*, em virtude da época em presença, já em 1654.

— Absolutamente de acordo. Pensa, todavia, em Lisboa, contactar com instituições, designadamente museus, onde possa colher elementos para melhor fundamentar essa posição, não é assim?

— Exactamente. Nos museus, principalmente no Museu Militar, onde provavelmente haverá tipos de fardamento da época, a fim de que se possa fazer uma identificação dos tipos de botões e das cotas de malha, através dos elementos encontrados no Forte Orange.

— Tenho depreendido, através das afirmações, que as pesquisas do Instituto se revestem da maior seriedade e se situam num alto nível técnico e científico, do ponto de vista arqueológico. Gostariamos de saber, ainda, se essas pesquisas se limitam ao Forte Orange ou se fazem parte de um plano global, extensivo a outras regiões do todo o Estado de Pernambuco?

— As pesquisas realizadas no Forte Orange fazem parte de um projecto que visa fazer o levantamento arqueológico de todo o material existente no Estado. Não apenas no Forte Orange ou noutros fortes, mas sim em todos os pontos de contacto dos portugueses com os indígenas de Pernambuco. Assim, seria desde o primeiro contacto a feitoria de Cristóvão Jaques, em 1516, até às relações dos portugueses com os holandeses. Fundamentalmente, até ao período da luta entre portugueses e holandeses, que culminou com a expulsão dos holandeses, de Pernambuco.

14-4-70

O SÉCULO

QUALQUER PAÍS
ATÉ INCENTIVARIA

A terminar, não poderíamos deixar de abordar um tema que se reveste da maior importância e que consistiu em saber, pre-

samente, em que medida as pesquisas em curso e os estudos subsequentes terão importância, tanto para o Brasil como para Portugal. Não podíamos deixar, portanto, de arquivar a opinião do sr. dr. Marcos de Albuquerque, tanto mais pelas asserções que nos prestou. Dividindo a importância de tal tipo de pesquisas, em relação a cada país, começou por nos dizer:

— Para o Brasil, em primeiro lugar, seria uma complementação dos estudos históricos brasileiros, dos quais poucas informações se conseguem em livros, e algumas delas incompletas. Segundo, seria a possibilidade da realização de aulas realmente práticas. Terceiro, o desenvolvimento de um patriotismo dinâmico que, baseado em algumas experiências do passado, possa ser associado ao presente, para se construir o futuro.

E em relação a Portugal, definiu:

— Para Portugal, poderíamos citar, em primeiro lugar, o aumento do conhecimento de alguns feitos dos portugueses no Brasil. Em segundo lugar, a descoberta de algumas das experiências dos portugueses e até o presente se encontra nas e abaixo das terras do Brasil. Terceiro, o estudo da capacidade de adaptação dos portugueses em terras tropicais. E, por fim, o incremento de estudos ligados a Portugal em terra não portuguesa, o que, aliás, qualquer país até incentivaria.

OS PORTUGUESES
E A UTILIZAÇÃO DO
MATERIAL ECOLÓGICO

Frequentemente, o professor Marcos de Albuquerque põe em evidência um facto que consti-

dera decisivo para o êxito dos colonizadores portugueses no Nordeste brasileiro: o aproveitamento da matéria-prima ecológica. Segundo ele, os portugueses, ao contrário dos holandeses, recorriam, em todos os domínios da vida quotidiana às disponibilidades da região — no caso de Pernambuco, disponibilidades fabulosamente ricas, quer se trate de fauna ou flora, das características geográficas ou geológicas. Objectivamente, disse-nos:

— Em Pernambuco, há alguns fortes em cujo interior não existe água, tendo sido necessário colectá-la fora, como é o caso, por exemplo, da fortaleza de Matias de Albuquerque, construída um ano antes do Forte de Orange. Quando os holandeses a cercaram, chegou-se a um ponto tal que faltou a água e os alimentos, o que levou à rendição dos portugueses. Já no Forte de Orange, verifica-se a existência de um poço de água um tanto ou quanto salobra, mas bebível. Por outro lado, é importante saber que a fauna e a flora da região possibilitam a existência de um contingente relativamente grande, sem necessidade de abastecimentos vindos de fora. Em relação à vege-

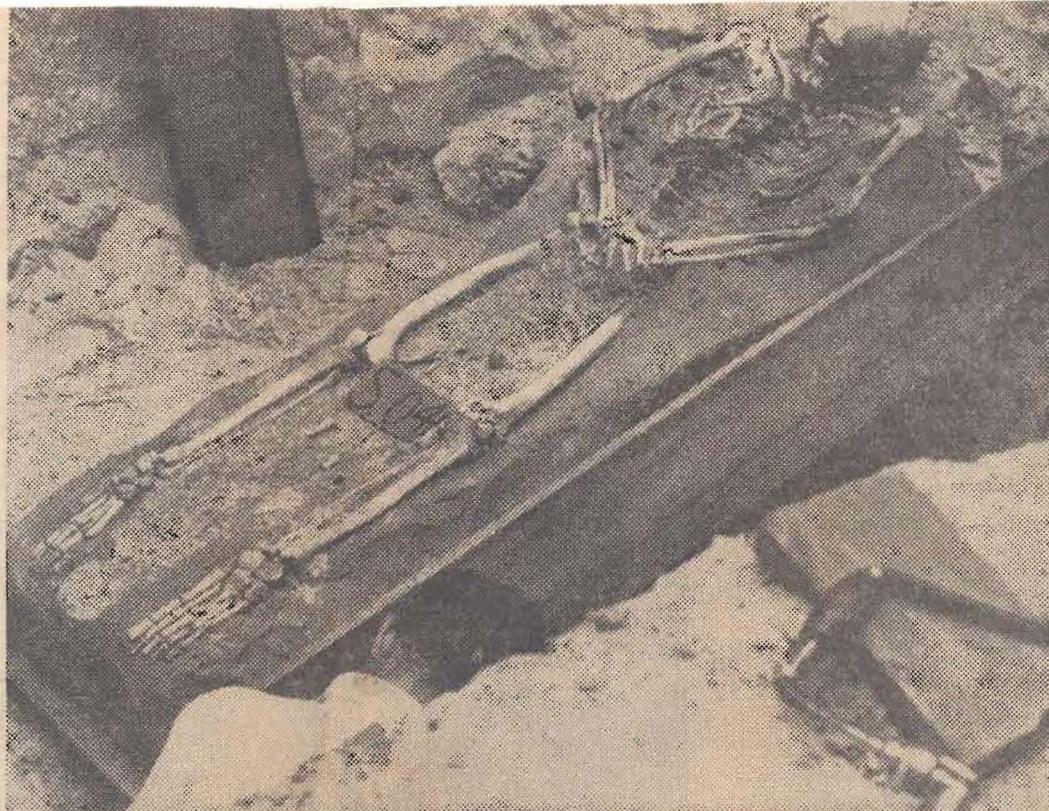
tação, há inúmeras plantas nativas, tais como a mangaba, a pitanga, o caju e outras, que facilmente ajudariam a formar um bom cardápio diário. No caso da caça, é possível encontrar, nas imediações, vários animais que forneceriam carne com certa abundância. Hoje em dia, ainda é bastante comum o recurso à caça. Facilmente podemos imaginar que, há 300 anos, o panorama seria bem melhor. Por fim, em relação à pesca, o canal de Santa Cruz fica bem próximo, pois é ele que separa a ilha de Itamaracá do continente, na margem do qual está situada a fortaleza de Orange. O peixe é abundante e de várias espécies, sobretudo crustáceos, como o caso de caranguejos, que aparecem em grandes quantidades.

Ainda a propósito da integração dos portugueses com a ecologia, o dr. Marcos de Albuquerque salientou:

— É interessante notar a frequência de *sambaquis* históricos existentes na área. Estes concheiros, conhecidos no Brasil por *sambaquis*, são pré-históricos e vão de 8000 a 6000 anos. Tanto quanto se tem conhecimento caminham para o Nordeste e terminam na Baía. Todavia, nas imediações do forte, eles existem em quantidade relativamente grande e ainda não foram estudados, ao que me conste. Talvez contenham aspectos curiosos da integração dos portugueses com a ecologia de Pernambuco. O seu estudo está dentro dos nossos projectos de pesquisa.

— Porém, em relação a esses *sambaquis*, qual a data que se lhes atribui?

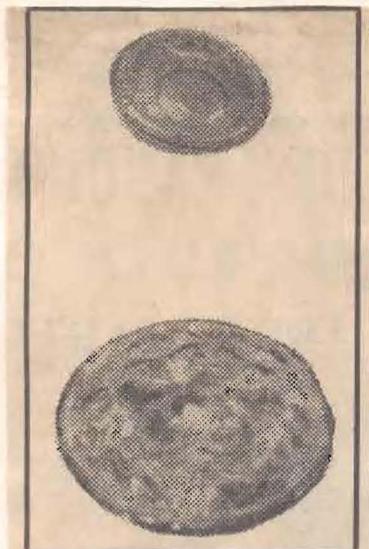
— Bom, provavelmente são contemporâneos à feitoria de Cristóvão Jaques, em 1516, que foi exactamente o primeiro ponto de contacto português com o indígena de Pernambuco. É bem possível que eles se devam à expansão portuguesa na área, onde se tentou conseguir uma alimentação local, resultando daí os *sambaquis*. No seu interior, encontra-se grande quantidade de cerâmica de origem portuguesa, louças, cachimbos e restos de metal.



O esqueleto do oficial português do século XVII encontrado no Forte de Orange, Pernambuco, pelo arqueólogo Marcos de Albuquerque. Enterrado no chão da capela, foi possível trazê-lo, intacto, à superfície, através da técnica de injeções de cimento



A cruz católica feita da casca de coco, à qual se refere o dr. Marcos de Albuquerque, para salientar até que ponto os portugueses recorriam à ecologia



EM CIMA: outro tipo de botão encontrado nos sepulcros. Vê-se claramente a granada — símbolo da Arma de Artilharia, tendo no centro o n.º 3. EM BAIXO: o medalhão com a esfinge de um leão